



O SENSO ÉTICO E ESTÉTICO DA PAISAGEM *THE ETHICS AND AESTHETICS OF THE LANDSCAPE*

Giuliana Andreotti¹

Tradução: Beatriz Helena Furlanetto²

RESUMO

A paisagem vai além da sua própria definição. Ela marca o homem e é por ele marcada: reflete o homem e a sua história. Há diferenças entre paisagem *tout court* e paisagem cultural. A primeira é genérica, dada pelos contingentes, é provisória, é cotidiana e objetiva; a segunda é um *unicum* incluindo um universo de valores, imagens e símbolos. Cada comunidade inscreve na paisagem sua própria ética e estética. Nas paisagens europeias, por exemplo, encontramos os sinais distintivos e únicos da civilização ocidental, a sua cultura e a sua história. No entanto, a modernidade está agora desfigurando e banalizando a paisagem de muitos lugares. Ela pode ser salva com a cultura, a educação e o empenho público.

Palavras-chave: paisagem; geografia cultural; ética; estética.

¹ Doutora em História Medieval pela Universidade de Pádua. Professora Titular de Geografia Cultural e Arquitetura da Paisagem na Universidade de Trento, Trento, Itália (giuliana.andreotti@lett.unitn.it).

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, pianista e professora assistente da Escola de Música de Belas Artes do Paraná, Curitiba, Paraná (bia@sulbbs.com.br).

ABSTRACT

The landscape goes beyond his own definition. It prints the man whom it is marked by: it reflects him and his history. There is difference between landscape *tout court* and cultural landscape. The former is generic and the latter is an *unicum* including a universe of values, images and symbols. Each community engraved there its ethics and aesthetics. In European landscapes, for example, we can see the distinctive and unique civilization signs. Modernity is now eroding and banalizing the landscape scenery. We think that it can be saved by culture, public spirit and education.

Keywords: landscape; cultural geography; ethics; aesthetics.

1. A paisagem revela o homem e faz o homem

A paisagem vai além da sua definição. Cada definição, como as tentativas para encontrá-la, não obteve muito sucesso, tanto que um notável geógrafo do passado, Aldo Sestini (1963, p.272), propôs considerá-la, melhor que um conceito, um vocábulo com muitos significados. Em todo caso, é elusivo, fugidio: isto porque, especificamente, a paisagem não pode ser separada do homem, do seu espírito, da sua imaginação e percepção.

O homem inventou-a para falar de si mesmo através da imagem. Somos nós mesmos na nossa paisagem. E isso porque nós modificamos o ambiente com todos os seus elementos naturais através das nossas atividades materiais, das necessidades políticas, das instâncias econômicas, dos ordenamentos jurídicos, mas sobretudo depositamos a nossa cultura e a nossa concepção de mundo (*Weltanschauung*), o nosso modo de pensar e viver, as nossas crenças religiosas, a nossa pulsão espiritual, os nossos símbolos e valores. Todos esses elementos constituem uma ética que, com o filtro do tempo, se torna uma estética.

Que a paisagem reflete o homem, dele seja o espelho, nos recorda Jorge Luis Borges em uma parábola que Claudio Magris (1997, p.9) selecionou para a epígrafe do seu *Microcosmi*. Borges (1999, p.195) fala de um pintor que retratou uma paisagem – montes, baías, ilhas: a arte do shanshui chinês – e descobriu, ao final, que havia pintado seu auto-retrato.

Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Transcorrendo os anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de navios, de ilhas, de peixes, de moradias, de instrumentos, de estrelas, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto das linhas trazia a imagem do seu rosto.

Isto porque uma afinidade, uma reciprocidade, é o sentido do relacionamento entre o homem e a paisagem. A paisagem exprime o homem, mas ao mesmo tempo faz o homem.

Sem querer ceder a algum determinismo, mas escutando a voz dos poetas e literatos, como nos convida a fazer Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (1957; 1975, p.228) – “Os filósofos teriam muito para aprender se consentissem ler os poetas” – na qual há a confirmação da relação, da complexa tessitura que uni um ao outro.

James Joyce, por exemplo, se identificava com a paisagem de Dublin. Em uma carta de 1937 escreve que traz a cidade fixada no coração: “Sempre e de qualquer maneira é ali que eu caminho” e “dela sinto as vozes”.

Orhan Pamuk, Nobel da Literatura em 2006, observa no cenário de Istambul, melancólica, romântica metrópolis, o seu caráter e o seu destino (2006).

Gabriel D' Annunzio (1935; 1955) encarna Pescara, onde nasceu: “Eu quero me revelar a mim mesmo. Eu quero dizer como as impressões da minha cidade natal estão estampadas em mim, e no melhor de mim”.

Giosue Carducci se reconhece no imponente espetáculo paisagístico de Bolgheri, na Toscana. Albert Camus encontra-se na fisionomia de Argel, cidade pobre, mas plena de beleza e promessa de felicidade. Frederico Garcia Lorca (2006) não se afasta de si mesmo na contemplação de uma Andaluzia divinamente romântica e misteriosa e na exaltação da deslumbrante Granada. A Pascoli é sua “Romagna plena de sol, doce país”, uma terra única que é o seu destino. Enfim, Odisseas Elitis (1980), Nobel da Literatura em 1979, é a Grécia feita de mar e de ilhas, de rios secos, de grandes cúpulas e de casas brancas nos confins do azul.

2. Paisagem e paisagem cultural

A paisagem, portanto, marca o homem do qual é marcada, reflete-o, dele é a história. Pode ser considerada o poema que narra os eventos humanos em seu desenvolvimento: a composição na qual o homem escreveu tudo o que tem estado na ética, na estética, no pensamento, na guerra e na paz, no progresso ou na decadência, na carência ou na abundância, na história ou no mito, nos momentos de religiosidade ou de agnosticismo.

Refere-se à paisagem cultural que é *logos*, discurso da memória, da história e da cultura, e, como tal, paradigma de valores éticos e estéticos.

A paisagem cultural não é a paisagem *tout court*: esta última é genérica, dada pelos contingentes, é provisória, é ajustada, é cotidiana e objetiva. A paisagem cultural, ao contrário, continua em desenvolvimento: vem da Antiguidade enriquecendo-se a cada século, integrando-se de espírito em espírito, modelando-se segundo as ideias, os sentidos, as expectativas dos povos que a construíram.

É a essência de cem paisagens, um *unicum*, com uma sacralidade, entendida como momento de exaltação ética e estética, como descendência e como fio condutor de uma civilização inteira. Detém um potencial expressivo que permite aprofundar-se nos infinitos motivos, nas causas ou nas forças que têm gerado as paisagens.

O tema oferece ilimitadas perguntas, questões fascinantes porque se olha a um ente sobretudo espiritual que há em si mesmo, um patrimônio e uma reserva plenos de sinais, cultura, pretextos psicológicos e testes perceptivos. De fato, além de um problema histórico-econômico, essa é uma questão psicológica no sentido historicista. Interrogá-la significa questionar os propósitos, os ideais, o sentido das escolhas dos homens que são sucedidas em várias épocas e por causa de suas predileções.

Reconhecer-se-á então como cada cultura tem sido expressa segundo uma ética, um *ethos* compartilhado, um patrimônio dos costumes e valores tradicionais, um universo de imagens e símbolos, que estabeleceram códigos

de comportamento e padrões de escolha desenvolvidos dentro dessa mesma cultura. Tais padrões têm delineado a fisionomia de lugares, a sua estética. Em outras palavras, a invisibilidade, que é a ética da paisagem, tem gerado o seu visível, a sua estética.

Dá-se por previsto que o olhar da paisagem cultural é esse do homem culto, que, de outro modo, se pode confirmar na célebre frase de Oscar Wilde relativa à névoa de Londres: “Onde o homem culto obtém um êxito, o homem sem cultura encontra uma gripe” (Wilde, 2005, p. 957).

Ao homem dotado de experiências pessoais e de conhecimentos múltiplos a paisagem revela o conhecimento de si mesmo e manifesta-se como motivo de enriquecimento. É uma satisfação do espírito, além daquela dos sentidos.

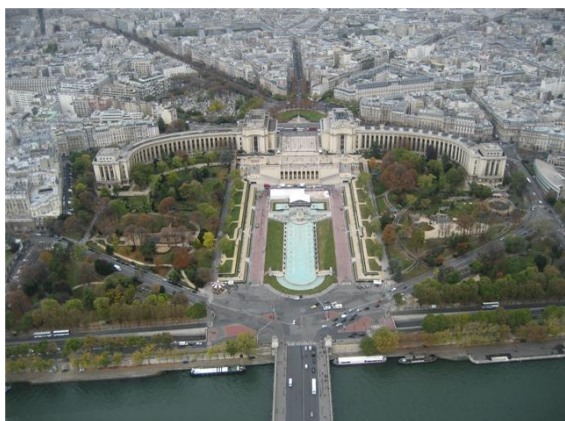


Fig.1. Paris (França), Jardim do Trocadero
(Foto: Giuliana Andreotti)



Fig.2. Gênova (Itália) e seu porto, paisagem noturna. (Foto: Giuliana Andreotti)

3. Eurritmia e símbolos

Uma das conotações que faz da paisagem cultural um *quid* ético e estético é a eurritmia, que nem sempre quer dizer composição rítmica, harmonia regularizada inspirada em uma unidade estilística.

Eurritmia significa também encontrar na interpretação da paisagem o motivo de confiança, de correspondência à própria imaginação, em conformidade às abordagens derivadas de símbolos.

Para exemplificar com um caso famoso, o harmônico e majestoso centro de Paris não sofre nenhuma ofensa pela presença da Torre Eiffel, por si mesma desarmônica e não exatamente um monumento estético. Entretanto, para o estabelecimento de uma identidade própria por parte desta obra, instaura-se uma euritmia, ao ponto que, sem ela, nós não reconheceríamos mais a Paris que estamos habituados a sonhar. Culturalmente, a torre significa, de fato, a Grande Exposição Mundial de 1889, quando Paris era o centro absoluto do mundo artístico, poético, literário.



Fig.3. Paris, Catedral de Notre-Dame.
(Foto: Giuliana Andreotti)



Fig.4. Paris, Torre Eiffel.
(Foto: Giuliana Andreotti)

Aquilo que no início parecia uma blasfêmia ética e estética e uma força exibicionista se transformou na forma que exprime quase sozinha uma cidade inteira. Porque quando alguém, ainda que com a fantasia, alcança o vértice, imagina avistar ali em cima a via mestre da história moderna e contemporânea daquela que foi o centro ou o refúgio da cultura e da arte moderna.

A euritmia, através do símbolo, agrega à cultura também aquilo que foi apresentado como antagonista, diferente, não homogêneo. Existem em outras paisagens culturais outras torres Eiffel – acredito que são muitas – que, em antinomia com o discurso ético e

estético em que foram inseridas, se tornaram parte integrante da paisagem e, frequentemente, os símbolos mais eloquentes.

O símbolo é o prólogo intuitivo do problema que se quer enfrentar e resolver. Vale dizer que representa o imaginário que influenciará o equilíbrio do juízo, do elemento estético e epifânico que contêm em si, tudo escrito, o significado da paisagem.

Eurritmia significa também a afinidade entre o homem, o material que usa e a tradição que sustenta. A paisagem ética e estética, a paisagem religiosa, a paisagem histórica, isso que nós chamamos paisagem cultural, se forma nas condições do equilíbrio funcional entre o homem e as matérias que teve à disposição. Porém, não é na força técnica do material que se reflete a mensagem estética, mas na confiança e na familiaridade elementar.

A mensagem ética e estética, no entanto, separada da espontaneidade do ambiente, com inovações desconhecidas ou surrealistas, se quebra. Com a contribuição ou a inserção de material desconhecido, como acontece com o concreto e outros materiais da época contemporânea, frequentemente há um enxerto antinatural e, conseqüentemente, antipaisagístico.

James Hillman (2004, p. 62) indica a casa revestida de vinil do leste americano e nota a uniformidade, a monotonia, a ausência de vitalidade. “A casa vinilizada – disse – tem qualquer coisa repugnante à vista, como se fosse privada de profundidade”.

4. A paisagem cultural do Ocidente

A nossa paisagem cultural é aquela que nos deu a pura e grande cultura ocidental que é conjugada frequentemente com contribuições de outros mundos, que tem interagido com ambientes diversos, mas que tem traduzido tudo segundo a visão especial dos próprios códigos e dos próprios padrões.

As paisagens culturais do Ocidente são aquelas que vêm dos gregos, dos romanos e de todas aquelas imensas torrentes que da Idade Média aos nossos dias giraram as tradições pagãs e cristãs de cabeça para baixo, mas, de

qualquer forma, autênticas criaturas do Mediterrâneo e da região europeia. As cenas são diversas pela multiplicidade de linguagens, mas têm uma raiz comum.



Fig.5. Florença (Itália), detalhe do Jardim de Boboli. (Foto: Giuliana Andreotti)



Fig.6. Ravello (Itália), Jardim da Vila Rufolo. (Foto: Giuliana Andreotti)

Bem, ainda é possível encontrar na paisagem a essencialidade das marcas distintivas e únicas desta civilização, desta cultura e desta história? Como recolhê-las e compreendê-las? Para segui-las é necessário remontar o passado humano e espiritual do mundo ocidental. Deve-se à Grécia clássica o espírito individual, questionador e dedutivo que reapareceu após o período romano e medieval, e que foi fator decisivo do Renascimento.

Mas o grande código ideal do Ocidente, seu grande léxico, como disse Paul Claudel, é ter encontrado no cristianismo que celebra a pessoa e a dignidade humana, a contemplação (*ora*) e o empenho social (*labora*) que foram explicados particularmente no monasticismo e na sua extraordinária obra de colonização e culturização (Ravasi, 2005, p. 39). Sem o cristianismo não existiria nenhuma das muitas insígnias obras literárias, artísticas, musicais, arquitetônicas. E não existiriam as nossas paisagens que vemos, ricas de

construções e sinais religiosos: catedrais, monastérios, igrejas, capelas, cruzes e tabernáculos.

A grande história do mundo ocidental e as transformações políticas, sociais, econômicas e culturais têm adicionado múltiplas contribuições às cenas originais da racionalidade greco-romana e do ideal cristão e estão lhe marcando profundamente. Os quadros paisagísticos são modificados, acrescentados, recuperados, transformados segundo as visões e as culturas das diversas épocas.

A espessura histórica permanece evidente em especial nos centros antigos, sinal da identificação, acúmulo de bens culturais, referência da imaginação coletiva (Benevolo, 2002, p. 214- 215).

5. O problema da paisagem e da modernidade

As paisagens culturais europeias são fundadas sobre uma linguagem ética e estética que conhecemos porque é elaborada da nossa história e aprendida na vivência do dia a dia. Temas, como aqueles citados acima – praças, teatros, jardins, estradas, monumentos – nós encontramos em todos os países europeus, em particular nas cidades e em seus núcleos antigos, como presença simbólica em que as *civitates* expressaram a si mesmas e seu sentido de pertença. São temas aos quais se atribui valor crescente, na condição em que o contexto paisagístico está salvo, porque não existe um patrimônio cultural se não dentro de um contexto que o torna compreensível.

Hoje a modernidade está desfigurando o perfil de muitos lugares que não se inscrevem na continuidade do sentido com o todo, disseminando intervenções banais, incoerentes e desordenadas, que criam condições paisagísticas inaceitáveis. Chega-se ao extremo das antipaisagens das periferias disformes e inabitáveis desprovidas de identidade e de memória histórica (Andreotti, 2006, p. 55-66).

O solo é consumido insensatamente. As cidades se dispersam sobre o território e assumem novos símbolos representados por megaestruturas dos

centros comerciais e de negócios. Esses são a iconografia do *Junkspace*, o espaço-lixo que “está além de cada medida e de cada código” (Koolhaas, 2006, p. 67). Segundo um novo Evangelho da fealdade, o vigésimo primeiro século será a apoteose.

Além de tais extremos, mais e mais frequentemente a cena paisagística não está em condições de metabolizar o devir. Este parece ser o grande problema da paisagem e da nossa cultura: tentar conciliar o passado, a espessura inteira da tradição, o *status quo* reconhecido, com o presente e o futuro. Muitas vezes a inserção, a entrada à força dos corpos estranhos à tradição rompe com resultados destrutivos o equilíbrio do espaço definido, harmonioso, completo na sequência da época e dos estilos que traçaram sua existência.

Acredita-se que cada novo sistema, por revelar uma atitude paisagística e porque seja atribuído a ele um valor de paisagem, deve ser dado pelo espírito do lugar, essa aura que se cria no curso dos séculos. Talvez somente assim possa sustentar a prova do tempo, o filtro que retém aquilo que vale a pena e deixa passar todo o resto.

O patrimônio cultural do Ocidente grego-romano e cristão está ameaçado atualmente pela globalização dos costumes, dos critérios estéticos, dos padrões de vida, que a meu modo de ver consiste em um niilismo nivelador, em uma anarquia ética e estética, em um achatamento cultural que não pode ser encontrado em nenhuma outra época precedente.

Esse patrimônio cultural deve ser fortemente protegido para impedir a perda de nós mesmos, da nossa identidade, porque não há nada dentro deles que não está também em nós. Não me refiro somente àqueles que perpetuam solenidade, que destacam o mais grandioso encontro entre geografia, história, religião, revolução e evolução do pensamento.

Estes, considerados Patrimônio da Humanidade, são como jóias no cofre, conservados com cuidado, restaurados. Outros, mais modestos, menos suntuosos, são igualmente preciosos, mesmo sem classificações e não inclusos em algum repertório: percursos, estruturas funcionais, referências visuais, edifícios rurais, detalhes ornamentais, fontes, pontes, capitólios.

São frequentemente negligenciados, desvalorizados, deixados para morrer. Não obstante pertencem-nos, narram nossa paisagem que, sendo totalidade, deve ser defendida em sua inteireza. No entanto são esquecidos, destruídos e devastados, violentados com obra de construção civil agressiva e deturpada, porque falta uma sensibilidade, uma educação ética e estética que ensine o reconhecimento, o testemunho do passado, para caracterizar a beleza e para respeitá-la. Dela deriva a importância da formação ao bem e ao belo.

Stefano Zecchi (1994, p.130-131) lamenta que a cultura moderna tenha relegado a educação estética – a instrução ao som, à cor, à imagem – “como aspecto efêmero e insignificante na formação da pessoa”, sem considerar sobretudo que o “desinteresse pela beleza do lugar habitado tem produzido o desarraigamento da pessoa da própria identidade originária”.

Se se pretende conhecer a beleza do mundo, respeitá-la e valorizá-la, também com finalidade econômica e turística, porque não, deve-se discutir a maneira de fazê-la, assumir o compromisso de sugerir soluções respeitando a diversidade das situações, dos ambientes, das culturas e das aspirações dos grupos sociais.



Fig.7. Barcelona (Espanha), Torre Agbar. (Foto: Giuliana Andreotti)



Fig.8. Barcelona, vista da paisagem urbana. (Foto: Giuliana Andreotti)

Em um texto anterior (Andreotti, 2003) propus confiar-se a defesa e a valorização da paisagem cultural, que é um trabalho de arte, à arte mesmo. Uma *autoridade* dos especialistas – artistas, críticos de arte, historiadores de arte, arquitetos e estudantes da paisagem – deveria colocar à disposição, ao meu modo de ver, toda a sua sensibilidade e competência para cuidar da beleza sobrevivente dos países da Europa. Esse continua sendo meu parecer.

Bibliografia

ANDREOTTI, G. *Paesaggi culturali*. Milano: Unicopli, 1996.

ANDREOTTI, G. *Alle origini del paesaggio culturale*. Milano: Unicopli, 1998.

ANDREOTTI, G. “Il paesaggio, massimo bene della cultura europea”. In Manzi, E. (org.). *Beni culturali e territorio*. Roma: Società Geografica Italiana, 2003, p. 9-16.

ANDREOTTI, G. *Riscontri di geografia culturale*. Trento: Artimedia-Trentini, 2008 a (1ª ed. 1994).

ANDREOTTI, G. *Per un'architettura del paesaggio*. Trento: Artimedia-Trentini, 2008 b (1ª ed. 2005).

ANDREOTTI, G. “Anti-paesaggio”. In CAMPIONE, C.; FARINELLI, F.; SANTORO, C. (orgs.) *Scritti per Alberto Di Blasi*. Bologna: Pàtron, 2006, p. 55-66.

ANDREOTTI, G. *Paesaggi in movimento, paesaggi venduti, paesaggi rubati*. Trento: Artimedia-Trentini, 2007.

BACHELARD, G. *La poétique de l'espace*. Paris: PUF, 1957 (ed.ital., Bari: Dedalo, 1975).

BORGES, J. L. *L'artefice*. Milano: Adelphi, 1999.

BENEVOLO, L. *La città nella storia d'Europa*. Roma: Laterza, 2002.

CLAVAL, P. “L'analyse des paysages”. *Géographie et Cultures*, n.13, 1995, p. 55-74.

D'ANNUNZIO, G. *Cento e cento e cento pagine del libro segreto*. Milão: A. Mondadori, 1935 (1995).

DE BLIJ, H. J.; MURPHY, A.,B. *Geografia umana: cultura, società, spazio*. Bologna: Zanichelli, 2002 (ed. orig., 1999).

DOLCETTA, B. "Il paesaggio tra conservazione ed evoluzione". In Aa.Vv. *Paesaggio veneto*. Cinisello Balsamo (Milano), Amilcare Pizzi, 1983, p. 8-23.

ELITIS, O. *Sole il Primo*. Milano:Guanda, 1980.

GARCÍA LORCA, F. *Tutte le poesie*. Milano: BUR, Rizzoli, 2006.

HILLMAN, J. *L'anima dei luoghi: conversazione con Carlo Truppi*. Milano: Rizzoli, 2004.

KOOLHAAS, R. *Junkspace*. Macerata: Quodlibet, 2006.

JELICOE, G. A. *L'architettura del paesaggio*. Milano: Edizioni di Comunità, 1969.

JONES, E. *Metropoli*. Roma: Donzelli, 1993.

MAGRIS, C. *Microcosmi*. Milano: Garzanti, 1997.

PAMUK, O. *Istanbul*. Torino: Einaudi, 2006.

RAVASI, G. "Un saggio sulle radici cristiane del Vecchio Continente". *La Repubblica*, 26 febbraio 2005, p. 39.

ROGER, A. *Nus et paysages*. Paris: Aubier, 1978.

ROMANO, M. *La città come opera d'arte*. Torino: Einaudi, 2008.

SESTINI, A. "Appunti per una definizione di paesaggio geografico". In MIGLIORINI, E. (org.). *Scritti in onore di Carmelo Colamonico*. Napoli: Loffredo, 1963, p. 272-286.

WILDE, O. "Declino della menzogna". *Tutte le opere*. Roma: Newton Compton, 2005, p. 946-962.

ZECCHI, S. *Il brutto e il bello*. Milano: Mondadori, 1994.

ZORZI, R. (org.). *Il paesaggio*. Fondazione Giorgio Cini. Venezia: Marsilio, 1999.

Recebido em 19/04/2011.

Aceito em 24/01/2012.